

LAÇOS

L. BROWNSTONE

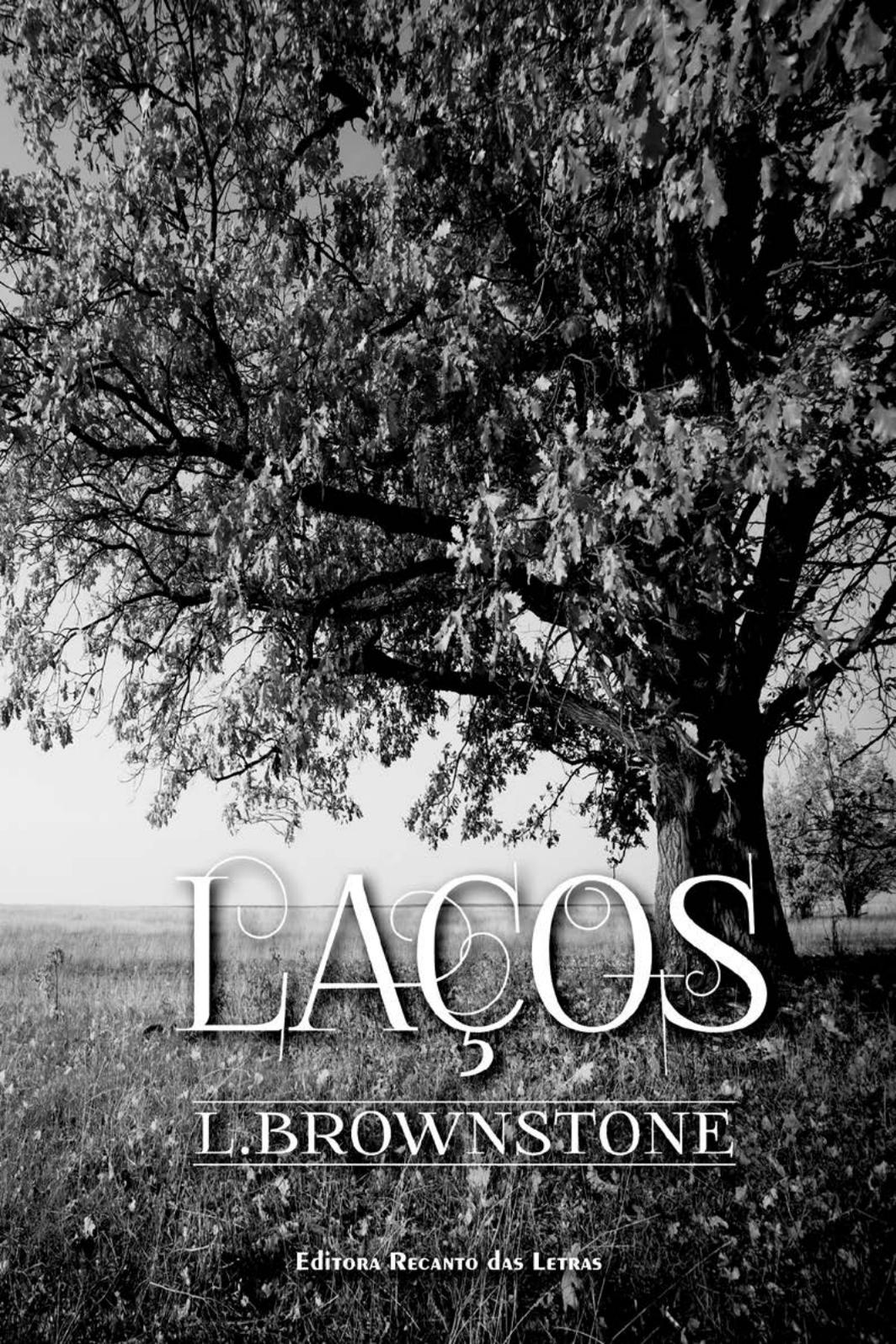
Editora RECANTO DAS LETRAS

LACOS

L.BROWNSTONE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
PRÓLOGO	8
ÁGUAS QUE CAÍAM DO CÉU.....	9
PRIMEIRA FESTA	11
O SINO, O CLÁSSICO	23
O RAIO E O TROVÃO	25
O TEMPO É RELATIVO	26
O CÉU E O RAIO.....	27
AMANTES DO CLÁSSICO.....	29
O IMPACTO DO RAIO	31
OS LOBOS QUEREM PODER!	32
COMEMORAÇÕES, LUXO E PODER	34
APRENDENDO E PENSANDO COM O TEMPO.....	45
DESCOBERTAS	48
EM MEIO À CIVILIZAÇÃO.....	54
SORTE OU OPORTUNIDADE.....	73
O DESFECHO DE UMA PROMESSA.....	76
NOTAS FINAIS.....	79



LACOS

L. BROWNSTONE

Editora RECANTO DAS LETRAS

© L. Brownstone

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Andreia de Almeida CRB-8/7889

Brownstone, L.

Laços / L. Brownstone. — Sorocaba : Recanto das Letras, 2017.
80 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-69943-59-4

1. Ficção brasileira I. Título

17-1572

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Rua Laura Barbero Shimmelpfeng, 260 - Sorocaba - São Paulo

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

O amigo ama em todos os momentos;
é um irmão na adversidade

Provérbios 17:17

introdução

Laços nos mostra a jornada de James Belanini, um jovem que você irá acompanhar desde a adolescência até a fase adulta.

James está em busca de algo maior. Ele não sabe exatamente o que está buscando tampouco se vai conseguir encontrar; num determinado momento de sua vida monótona, coisas diferentes começam a acontecer. Ele busca respostas para as coisas mais simples da vida, mas muitas adversidades irão ocorrer e pode ser que ele aprenda algo nesta jornada.

Quando James já está em idade avançada decide escrever os melhores momentos que teve. Ele, porém, mergulha tão fundo na própria jornada que dá a impressão que está vivenciando todas as coisas novamente.

prólogo

Bem, finalmente tomei coragem para contar um pouco sobre a minha jornada e não sei exatamente por que estou escrevendo. A única resposta plausível para tal fato talvez seja minha idade: estou ficando velho, e esta marcante e linda história aconteceu há muito tempo e não quero esquecê-la. Talvez escrevendo seja a melhor maneira de recordar aqueles momentos.

Antes de tudo, meu nome é James Belanini. Onde eu nasci e em que local moro não são questões de fato relevantes. O que eu contarei agora talvez não seja crível, mas, sinceramente, estou escrevendo isto para recordar e não para que você acredite, então, por favor, tente aceitar os fatos, não é necessário concordar...

Posso parecer arrogante, mas, longe de mim, é como disse momentos atrás, deve ser porque estou ficando velho.

ÁGUAS QUE CAÍAM
DO CÉU

Era um dia normal como qualquer outro. Estava fazendo as coisas que fazia todos os dias: acordava cedo, banhava-me, tomava o café da manhã com minha família e ia para a adorável escola.

Não pense que estou sendo sarcástico: eu adorava a escola. Tinha que ir caminhando para o colégio (meus pais não tinham carro e, embora eu fosse filho único, não tinha tudo o que queria); ali era o lugar onde fizera muitos amigos. Eu era uma pessoa popular dentro daquele ambiente escolar e estava satisfeito com aquela situação. Conseguia tirar notas boas, aliás, boas não, eram excelentes! e eu me achava muito especial por conseguir tirar notas ótimas e ainda conseguir tempo para as amizades.

Naquele dia estudei demais, conversei com bastantes pessoas, mas logo chegou a hora de ir embora e caminhar novamente para minha casa. Nenhum dos meus amigos tinha um carro disponível, já que éramos muito jovens, com faixa etária em torno de treze a dezesseis anos. Por sermos jovens e cheios de energia, podíamos caminhar por horas que não nos cansaríamos facilmente.

Em torno de uma hora da tarde saí do colégio e passei por aquele adorável gramado esverdeado. A grama tinha um corte perfeito, nem era muito rasa e nem muito alta. “É incrível tanta beleza” pensei, “a pessoa que administra esse lugar o faz por amor.” Admirável e artístico ao mesmo tempo, o gramado estava impecável, mas o que me chamou atenção foi o incrível céu. Ele não estava azul, estava acinzentado. Voltei o rosto suavemente para cima e senti que uma gota bateu no meu rosto. Alguns segundos depois, muitas gotas entraram em contato comigo e ficaram praticamente impossíveis de contar.

Analisando a situação, eu tinha duas possibilidades: voltar e aguardar a chuva passar para poder ir embora, ou utilizar uma ideia maluca que me ocorreu de sair correndo na chuva e me molhar. É claro que eu escolhi a segunda opção. De fato, era a mais emocionante e plausível para mim e para os meus pensamentos daquela época.

Demorei em torno de uns vinte minutos correndo em direção a minha casa, e a chuva ainda não havia parado. Fiquei todo molhado; meu tênis, calça, camiseta, estavam todos encharcados, mas não tinha problema, era um ridículo uniforme escolar branco com azul e um tênis meio que social preto, completamente fora de moda.

Chegando em casa, troquei minhas roupas e entrei no meu quarto. Comecei a sorrir erguendo os dois braços em direção ao teto. Aquela chuva entrando em atrito com meu corpo foi algo realmente libertador e glorificante, um dia que ficou marcado na minha mente que estava ficando velha.

PRIMEIRA FESTA

Bem, este é outro momento marcante. Eu tinha quinze anos. Era um dia normal, com a mesma rotina que eu tinha diariamente. Lá estava eu no intervalo, com minha bandeja de comida tipicamente escolar, conversando com alguns amigos (quando eu disse que era popular estava sendo um pouco exagerado, confesso, a maioria dos meus amigos faz o tipo nerd, e eu era popular somente entre eles!), aquelas conversas sem nexos, conversas sobre tecnologia, cinema e algumas outras coisas que não têm qualquer relevância.

Nisso, um garoto veio em nossa direção. Não estava de uniforme escolar (provavelmente um veterano que não seguia as regras, não seguia o sistema...), e tinha os cabelos cortados numa espécie de corte moicano, de cor vermelha, com os lados completamente raspados; nas roupas, uma camisa e calça jeans com alguns rasgos. Admito que ele era uma pessoa estranha, mas tinha estilo. Na escola, era conhecido como Will e nós nunca tínhamos conversado. Naquele dia, ele passou rapidamente na mesa em que eu estava com meus amigos e, com poucas palavras, disse:

– Hoje à noite aparece na festa que vai ter lá em casa, pode levar quem você quiser.